

Elisa Borsari y Marcella Trambaioli (eds.)

Con la colaboración de Susana Phelts Ramos

Y cantó el alma del vino

Ensayos sobre literatura, historia,
identidad y patrimonio



PETER LANG

<i>Marcella Trambaioli</i> De Dioniso al borracho, es decir, de la tragedia al esperpento: <i>Luces de Bohemia</i> de Ramón del Valle-Inclán	143
<i>Carla Ferreira de Castro</i> “E beber água como se fosse todos os vinhos do mundo!” Referências ao vinho em Fernando Pessoa	157
<i>Miguel Ángel Muro Munilla</i> Escribir el vino para explicar la vida	167
Estudios sobre historia, identidad y patrimonio	
<i>Marién Brea Iscla</i> El vino, entre maravilla y geografía. Solino (siglos III-IV) y Cristóbal de las Casas (siglo XVI)	181
<i>Margarida Esperança Pina</i> Vinho e Medicina no Renascimento: uma (re)leitura do património cultural	195
<i>Trinidad Fernández González</i> Dalla Spagna al Piemonte. Emanuele Filiberto e la via del vino	205
<i>Víctor de Lama de la Cruz/Denitsa Yordanova Mincheva</i> El consumo de vino en los dominios musulmanes de Oriente Próximo durante los siglos XVI y XVII	217
<i>José Ramón Trujillo</i> El viaje a La Rioja. Joaquín Belda, pionero del enoturismo y el periodismo enológico	229
<i>César Luena López</i> Antonio Larrea, un humanista al frente de las instituciones del Rioja en las décadas decisivas: 1940-1970	253
<i>Sergio Andrés Cabello/Ángeles Rubio Gil</i> Vino, identidad y territorio: el valor intangible del vino para la identidad riojana	261

Carla Ferreira de Castro¹

“E beber água como se fosse todos os vinhos do mundo!”

Referências ao vinho em Fernando Pessoa

Este capítulo visa analisar as referências ao vinho na obra de Fernando Pessoa, abrangendo diversos géneros: poemas, dramas, ficção e epístolas. Nos arquivos digitais de Fernando Pessoa, podemos encontrar 37 referências ao vinho, quer nos textos de Pessoa ortónimo, quer na produção extensa dos seus heterónimos Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares. Quando analisadas semanticamente, estas alusões formam um mapa que nos orienta na esfera da interpretação literária, cultural e histórica, habitada por Pessoa e pela sua “gente”. O título deste artigo, retirado de um poema de Álvaro de Campos, “A Liberdade, sim, a Liberdade!”, faz uma alusão a uma metáfora recorrente na análise de outros excertos: a água comparada ao vinho, *E beber água como se fosse todos os vinhos do mundo!*

Em Campos encontramos esta exuberância, a exaltação da bebida como desejo de infinito, como regresso matricial à purificação, a um paraíso perdido, onde se possa pensar sem desejar, existir sem ter de explicar, ser vago e beber do copo da inocência, só ter desejo de liberdade, sem o fardo da consciência de existir. Porém, não obstante esta exaltação, tanto em Campos, como nos demais heterónimos e no ortónimo, o vinho raramente é sinónimo de festa e celebração, estando maioritariamente associado a um estado de simplificação e depuramento, como em Campos, ou de mero desejo de esquecimento. Em Ricardo Reis deparamo-nos com uma noção do consumo de vinho não como exaltação, mas como paliativo, remédio para alcançar o esquecimento, destituído de entusiasmo, apenas uma aceitação resignada de que o vinho alivia o fardo de pensar e atenua a dor, numa busca epicurista, ao passo que em Campos e Pessoa encontramos ainda traços característicos de hedonismo ou de nihilismo tão presente no verso do poema de 1931 “Não fiz nada, bem sei, nem o farei” do ortónimo quando afirma a sua sensibilidade decadentista, defendendo a ascensão

1 Universidade de Évora, CEL-UE, Portugal. Correo: ccastro@uevora.pt. Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no âmbito do projeto UID/LIN/00707/2019.